

# ENTRE A MEMÓRIA E A CONFISSÃO: O GESTO NARRATIVO COMO UMA APOSTA ÉTICA FRENTE A EXIGÊNCIA DA VERDADE

■ TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

 <https://orcid.org/0000-0003-4444-8424>

Universidade Salgado de Oliveira

■ LUAN CARPES BARROS CASSAL

 <https://orcid.org/0000-0003-4237-3270>

University of Manchester

■ WIDLANE DE OLIVEIRA LOURENÇO

 <https://orcid.org/0009-0004-4297-3641>

Universidade Federal Fluminense

## RESUMO

O presente texto, composto de maneira rizomática, é um exercício narrativo em torno de experiências contemporâneas de silenciamento por autoridades públicas. As narrativas são normas de produzir e multiplicar histórias e modos de existência, sem necessariamente precisar atender à exigência da verdade, mas com rigor ético. A partir de Butler, Foucault, Gagnebin, Haraway, Rancière, Benjamin, Lorde e outras pessoas interlocutoras, argumentamos que o modo contemporâneo de produção de conhecimento baseia-se na busca da verdade, com efeitos confessionais, como contrapartida dos processos de repressão. Experimentamos, pois, driblar a exigência normativa.

**Palavras-chave:** Narração. Disciplina. Escrita.

## ABSTRACT

**BETWEEN MEMORY AND CONFESSION: THE NARRATIVE GESTURE AS AN ETHICAL BET IN THE FACE OF THE DEMAND FOR TRUTH**

This text uses a ryzmoathic approach. It is a narrative exercise on contemporary censorship practices by public authorities. Narratives are norms producing and multiplying stories and modes of existence. However, they do not move towards a truth, despite their ethical rig-

or. In dialogue with Butler, Foucault, Gagnebin, Haraway, Ranciere, Benjamin, Lorde, and other interlocutors, we argue that contemporary production of knowledge seeks to reveal a truth producing confession and repression. We therefore try to avoid the normativity through writing.

**Keywords:** Narration. Discipline. Writing.

## RESUMEN **ENTRE LA MEMORIA Y LA CONFESIÓN: EL GESTO NARRATIVO COMO UNA APUESTA ÉTICA FRENTE A LA EXIGENCIA DE LA VERDAD**

El presente texto, compuesto de manera rizomática, es un ejercicio narrativo en torno a las experiencias contemporáneas de silenciamiento por parte de los poderes públicos. Las narrativas son normas para producir y multiplicar historias y formas de existencia, sin necesariamente tener que satisfacer la demanda de verdad, pero con rigor ético. Partiendo de Butler, Foucault, Gagnebin, Haraway, Ranciere, Benjamin, Lorde y otros interlocutores, sostenemos que la forma contemporánea de producir conocimiento se basa en la búsqueda de la verdad, con efectos confesionales, como contraparte de los procesos de represión. Por lo tanto, intentamos eludir el requisito normativo.

**Palabras clave:** Narración. Disciplina. Escritura.

## Introdução

Trata-se, no fundo, de lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita – luta que só é possível se morte e tempo forem reconhecidos, e ditos, em toda a sua força de esquecimento, em todo o seu poder de aniquilamento que ameaça o próprio empreendimento do lembrar e do escrever (Gagnebin, 2009, p. 146).

Enquanto escrevemos estas palavras, as ruas estão tomadas de gente. Será que você vê? Enquanto você as lê, esperamos que assim estejam de novo. Talvez tenham mudado de lugar, língua, tempo, contexto: por ora, pouco importa.

Materiais didáticos foram proibidos pelo governador do Estado de São Paulo, pois apresentavam conceitos fundamentais em gênero

e sexualidade para adolescentes<sup>1</sup>. No Rio de Janeiro, espetáculos teatrais foram cancelados por centros culturais<sup>2</sup>. Em Brasília, um edital público federal foi suspenso para impedir que filmes LGBTs fossem produzidos<sup>3</sup>. Manifesta-

1 O Globo. Dória manda recolher livros didáticos que abordavam identidade de gênero. Rio de Janeiro, 03 set 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/doria-manda-recolher-livros-didaticos-que-abordavam-identidade-de-genero-23925039>. Acesso em: 14 nov 2023.

2 Alecrim, Michel. Centenas de pessoas protestam no Rio contra censura a espetáculos. **Folha de São Paulo**, Rio de Janeiro, 11 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/centenas-de-pessoas-protestam-no-rio-contr-censura-a-espetaculos.shtml>. Acesso em: 14 nov 2023.

3 Niklas, Jan; Giannini, Alessandro. Justiça manda Ancine retomar edital de TV com séries LGBTs. **O Globo**, Rio de Janeiro, 07 out. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/justica-manda-ancine-re>

ções públicas enfrentam esses silêncios forçados. Brasil atingindo temperaturas acima da média histórica<sup>4</sup>. Amazônia em chamas<sup>5</sup>. Praias do litoral nordestino cobertas de óleo<sup>6</sup>. Rio de lama a descer de Minas Gerais e Espírito Santo até o mar<sup>7</sup>. 2182 novos agrotóxicos liberados para uso agrícola durante a gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro<sup>8</sup>. Sessenta fuzis apreendidos em doze horas no Rio de Janeiro, arsenal que vítima em média oito pessoas por dia, fora as vítimas das intervenções policiais<sup>9</sup>. Você vê o que está a acontecer?

Esse é o tempo em que vivemos. Esse é o mundo que nos faz escrever, em um esforço de construir mundos possíveis. O quadro é de ca-

lamidade, e a palavra pede cada vez mais força.

Nessas mutilações de corpos, o Brasil fala sobre temas ainda atuais; fala sobre a miséria do pobre, a miséria da diferença e de outras mais. Convivemos lado a lado, por essas mutilações, com a expressão crua e seca da violência contra a condição humana. Por meio dos jornais, nossa história é narrada nesses pedaços de corpos, que trazem o cotidiano brasileiro sem metáforas e sem véu, apresentando a qualidade de vida que temos, a vida que nos é negada e os modos de viver que convivem com o medo, com a culpa e com as armas (Baptista, 1999, p. 44).

Mais ainda, o tempo presente, nossa arena de combate, está tomada por mentiras e boatos (apelidados de *fake news*), com discursos produzindo afetos de medo, ódio ou pena, e construindo as decisões que as pessoas tomam. Inclusive, de fato, os processos democráticos eleitorais. Narrar é também uma disputa pela ética das histórias, explicitando quais nossas afiliações e apostas.

A tessitura das cidades alimenta as nossas narrativas. A poluição, o barulho, o encontro de corpos, o autoritarismo de governantes, a violência da polícia, a hostilidade do transporte público. E nisso, entre um ônibus e uma barca, um empurrão e uma corrida, nós escrevemos. Contamos histórias sobre os mundos que ocorrem nos vãos, nas brechas, nas esquinas. Enquanto o tempo do espaço urbano se acelera, abre-se uma brecha para a contemplação. Seguimos o convite de Anzaldúa (2000) de escrever nos momentos que podemos, para que de fato possamos estar e perseverar num certo lugar de fronteira. Seja na experiência de migração (nacional e internacional), na complexidade de raça e racismo, na dissidência sexual e de gênero, nós nos esforçamos a contar. Como Baptista (2000) nos lembra, das chaminés das fabricas do saber produz-se sujeito, cidade e verdade. Mas são produções, e podemos tecer alternativas um pouco menos industriais, um pouco mais artesanais.

---

[tomar-edital-de-tv-com-series-lgbts-24001998](#). Acesso em 14 nov 2023.

- 4 Ribbeiro, Leonardo. Onda de calor pode fazer temperatura bater novos recordes no Brasil. **CNN**, Brasília, 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/onda-de-calor-pode-fazer-temperatura-bater-novos-recordes-no-brasil/>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- 5 El País. A Amazônia arde em chamas. Brasil, 22 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/21/album/1566384483\\_259997.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/21/album/1566384483_259997.html). Acesso em: 15 nov. 2023.
- 6 Fonseca, Pedro. Estudo aponta mancha gigante e possível origem do óleo que atinge o Nordeste. **UOL**, Rio de Janeiro, 30 out. 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2019/10/30/estudo-aponta-mancha-gigante-e-possivel-origem-do-oleo-que-atinge-o-nordeste.htm>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- 7 Nogueira, Italo. Oito meses após rompimento de barragem, bombeiros encontram corpo em Brumadinho. **Folha de São Paulo**, Rio de Janeiro, 29 set. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/oito-meses-apos-rompimento-de-barragem-bombeiros-encontram-corpo-em-brumadinho.shtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- 8 Altino, Lucas. Após liberação recorde de agrotóxicos durante governo Bolsonaro, 'PL do veneno' poderá aumentar ainda mais novas autorizações. **O Globo**, Rio de Janeiro, 01 jun. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/06/apos-liberacao-recorde-de-agrotoxicos-durante-governo-bolsonaro-pl-do-veneno-podera-aumentar-ainda-mais-novas-autorizacoes.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.
- 9 Galdo, Rafael. Mapeamento aponta onde as armas mais fazem vítimas no Rio; letalidade é maior em áreas em disputa. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 out. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/10/15/mapeamento-aponta-onde-as-armas-mais-fazem-vitimas-no-rio-letalidade-e-maior-em-areas-em-disputa.ghtml>. Acesso em: 15 nov. 2023.

Ao apostarmos na rua como espaço primordialmente democrático não podemos nos esquivar de considerar outros vetores que atravessam a experiência política do comum. A rua tem um certo tempo de acontecimentos; nelas as palavras e histórias, para Judith Butler (2015a), apresentam sua própria temporalidade: elas podem durar mesmo que a pessoa de sua autoria já tenha há muito partido. As ocupações de espaços citadinos por multidões de anônimos nos últimos dez anos tratou-se, também, da reivindicação por narrar de outras formas o mundo. Investimos no gesto narrativo porque há uma força irresistível que pede passagem. E, especialmente, porque há quem ouça/leia. Para Butler (2015a; 2015b), o exercício de dar um relato é sempre em relação com uma audiência, seja material ou virtual – em todo caso, é sempre imaginária – que é, de fato, o enquadramento para nossas palavras.

Narrar pode ser um enfrentamento à repressão de quem pede o silêncio da verdade única (Adichie, 2009), o que não significa necessariamente desvelar uma verdade alternativa, mas dar passagem pela via do verbo a histórias únicas. “Se é “única”, é em um outro sentido, de singular. Propomos uma tomada de posição: histórias únicas em detrimento das únicas histórias” (Conti, 2015, p. 15). Este artigo multiplica histórias únicas – em uma palavra, multiplicidade. Ora, já aprendemos há tempos com Foucault (1987) que se trata, de fato, de um processo produtivo ou um uso positivo do poder, em que o ‘não’ precisa ser dito, repetido, reforçado, reestabelecido a todo tempo. Então, respondemos com narrativas que possam escapar e perfurar o silêncio, multiplicando os ruídos e os mundos possíveis.

O uso deliberado de narrativas ficcionais e de missivas segue na aposta de que este gesto auxilie a tecer narrativas localizadas (Haraway, 1995), dando visibilidade às marcas de pessoas

pesquisadoras/autoras contemporâneas sem, no entanto, se resumir a um sujeito interiorizado. Trata-se de uma aposta onde a ficção é aquilo que está na ordem do que ‘poderia ter sido’, do virtual, interpelando o presente atual e as forças que polarizam discursos de forma polêmica. A realidade, nesse sentido, não é mais do que um caso dentro das muitas histórias possíveis, com a qual fantasiamos.

[...] não se escrevem ficções para se esquivar, por imaturidade ou irresponsabilidade, dos rigores que o tratamento da “verdade” exige, mas justamente para pôr em evidência o caráter complexo da situação, caráter complexo que o tratamento limitado ao verificável implica uma redução abusiva e um empobrecimento. Ao dar o salto em direção ao inverificável, a ficção multiplica ao infinito as possibilidades de tratamento (Saer, 2012, p. 2).

Literatura e vida, barreiras permeáveis e inseguras, pois ler, escrever e imaginar são conexões materiais de corpos posicionados no espaço, no tempo, nas relações de poder e saber. É um jogo duplo, de traçar as letras hoje de um presente alternativo ao construir um futuro imaginado. É necessário ter atenção às tentativas de captura da história em uma lógica de confissão. Mas isso não reduz a nossa responsabilidade ao narrar; um sujeito assume autoria e autoriza-se, seja qual for a razão. A confissão não nos faz menos responsáveis - ainda que possa parecer mais confortável. O mesmo pode ser dito do silêncio repressor; que histórias oferecemos frente tal exigência?

Seria preciso então menos intenção e mais atenção, para fazer da própria narrativa, dos relatos e da escrita, ferramentas de batalha que aproximam o texto da experiência sensível, da existência coletiva atual, narrativas que remetem mais à vida e aos embates políticos que constituem um habitar cotidiano do que aos signos, estruturas normativas das leis e regras de condutas supostas (Primeira pessoa autora, 2018, p. 59).

O texto que segue performatiza a aposta ética das pessoas autoras. Tencionamos colocar em análise como os modos de composição de narrativas ficcionais pode auxiliar na forja de práticas inventivas, políticas de escrita e pesquisa que visem superar a narrativa universal e as cartilhas acadêmicas. Seguimos em direção a práticas atentas aos espaços e tempos passíveis de serem ocupados, bem como aos sujeitos que as povoam, fomentando a constituição de mundo digno de ser vivido, porque duvidar da realidade que temos e dos nossos próprios procedimentos canonicizados é parte da tarefa de pesquisa (Ranieri, 2018). O fazemos utilizando narrativas e cartas endereçadas<sup>10</sup> não para uma pessoa específica, mas para as questões do presente, do campo e dos modos de pesquisa, além de funcionar como uma ferramenta para a análise de implicações<sup>11</sup>, dialogando com as ideias de confissão e proibição que habitam os modos de produzir discursos no contemporâneo. Estes encontros trazem mais dúvidas, imagens abertas a outras conexões do que narrativas apaziguadoras e resolutivas. Tem uma história por trás das histórias. Tem histórias por trás da História.

Quem vai sobrar para contar e receber a história? Quem está do outro lado do papel? Estamos juntos? “E quem é esse ‘nós’ enunciado na nossa própria retórica? Quais são as identidades que fundamentam esse mito político tão potente chamado ‘nós’ e o que pode motivar o nosso envolvimento nessa comunidade?” (Haraway, 2009, p. 47). Quem cabe nesse ‘nós’, tão facilmente enunciable, que poderia

conduzir a narração? Esse plural se fragmenta em algo entre indivíduos e singularidades, desdobradas em cinco seções, relacionadas, mas não necessariamente articuladas, com múltiplas entradas e saídas possíveis, tal qual um rizoma (Deleuze; Guatarri, 1995). Venha conosco se você puder ouvir.

## Primeiro

Desde o século XVIII até o presente, as técnicas de verbalização foram reinseridas em diferentes contextos pelas denominadas ciências humanas com o objetivo de utilizá-las sem a renúncia de si, mas para constituir, positivamente, um novo sujeito. Utilizar essas técnicas sem renunciar a si mesmo constitui uma ruptura decisiva (Foucault, 2004, p. 366).

Em uma capital a beira mar, o idoso é incapaz de enxergar a Igreja da Penha, a certa distância da janela de seu quarto. Seus olhos foram acometidos por uma doença hereditária irreversível, um erro funcional em que células da retina funcionam de forma incorreta e se destroem. Tal quadro pode vir a ser transmitido para seus herdeiros genéticos (ou não). Não há formas verdadeiramente eficientes de detectar a doença antes do surgimento dos primeiros sintomas. Seus descendentes não a manifestaram; entretanto, 50% dos mesmos desenvolveram, tal qual o patriarca, um peculiar comportamento de colecionar histórias em quadrinhos. Não foi identificado o gene responsável por tal característica.

Ele não vê a Igreja, o alternar entre sol e tempestades, os profissionais de enfermagem ao seu redor, os fanzines sobre super-heróis de sua autoria, os parentes em recorrentes visitas. Mas vê outras coisas, particulares. Percebe mensagens digitadas a partir de um computador remoto, projetadas nas paredes do seu quarto, a relatar crimes e perversões. Encontra-se com bancas de vendas ilegais de livros. Há cores que dançam à sua frente, pessoas que

10 As narrativas e cartas aqui apresentadas foram adaptadas das teses de doutorado das primeira e segunda pessoas autoras.

11 Para René Lourau (1993), a análise de implicações é parte do trabalho de pesquisa que interroga instituições, na medida em que evidencia as conexões afetivas, políticas, sociais e materiais que estabelecem a atual posição da pessoa pesquisadora, servindo como dados para interpretação e devolução sobre os acontecimentos.

invadem seu quarto, perigos ao redor. E vozes na sua cabeça, sem cessar:

Eu falo como um ‘eu’, mas não cometo o erro de pensar que sei exatamente tudo que estou fazendo quando falo dessa maneira. Descubro que minha própria formação implica o outro em mim, que minha estranheza para comigo mesma é, paradoxalmente, a fonte de minha conexão ética com os outros (Butler, 2015a, p. 112).

Certo dia, o idoso encontrou um jornal embaixo do travesseiro. Não conseguiu identificar o título do diário, mas a data era recente, e sua própria foto deixou-o estarelecido. Vagarosamente, com dificuldade, concentrou-se com seus olhos cegos para leitura do documento em mãos. Tratava-se de uma página policial sobre certa investigação. Ficou nervoso com o conteúdo. O honroso nome da família, bastião de lutas políticas no passado, transformado em logradouro público, será agora jogado na lama. Segue na extenuante tarefa de identificar aquelas palavras com olhos cegos. Ele consegue ver.

Completa a leitura e pensa no que fazer. Não terá como fugir ou se livrar da história. Decide ir à polícia, quando for convocado – e certamente o será, conclui – para, então, confessar tudo o que fez. Antes disso, precisa de um advogado. Não pode ir até lá desprotegido. E deve advertir a família, para que se preparem aos acontecimentos. Pois, além de probabilidades de transmissão de perda da visão, instabilidade de humor e vício em quadrinhos, os descendentes também receberam o nome que se tornará maldito pelas páginas de jornais.

Fraude como profissional e como sujeito. Objeto de intervenção policial e midiática, para investigação, exposição e punição. Assim, o idoso aceitará o ritual judiciário e a prisão por vir. Ele precisa contar tudo o que aconteceu. Argumenta que se trata da sua obrigação com a história e a memória, mas também com as gerações seguintes. Precisa contar, pois não

há escapatória. “Nesse sentido, a capacidade narrativa é a precondição para fazermos um relato de nós mesmos e assumirmos a responsabilidade por nossas ações através desse meio” (Butler, 2015a, p. 24).

Ele lista as tarefas por fazer. Terá de avisar todos os conhecidos sobre o que acontecerá. Talvez precise localizar alguns ex-colegas para que sirvam como testemunhas. Infelizmente, não sabe onde foi parar o jornal, para compartilhar a gravidade do acontecido. Mas todos sabem dessas notícias.

Uma tensão, mas também um alívio, pois “[...] não é a revelação de uma verdade interna o que mais alivia, senão que, ao compartilhar um segredo (e, talvez, particularmente esse) se compartilha também a angústia e a dor encarnada em toda necessidade de ocultá-lo/exibi-lo” (Cornejo, 2011, p. 87, tradução nossa)<sup>12</sup>. Revelar o que se esconde, um prazer quase inenarrável em si.

## Interlúdio

O envelope chega amassado, com marcas de tinta e dedos. Dentro, meia folha de papel com letras tremidas quase ilegíveis: ‘Venha o mais rápido possível. Preciso te contar uma história’ – dizia a carta. Estas foram suas últimas palavras.

## Segundo

Vir até o apartamento não fora uma escolha, entenda. Eu não queria colocar os pés nesse local nunca mais, mas se eu não viesse ninguém resolveria isso no meu lugar. Tirei o dia de folga para vir aqui tentar descobrir onde ele escondera a prova que o inocentava, ele e nossa família. A prova que ele me pediu, já no leito

<sup>12</sup> “no es la revelación de una verdad interna lo que más alivia, sino que al compartir un secreto (y tal vez éste en particular) se comparte también la angustia y el dolor que encarna la demanda de cultarlo/exhibirlo” (Cornejo, 2011, p. 87).

de morte, que eu guardasse com a vida. Aquilo que diria ao mundo quem ele realmente fora. Quem nós éramos.

Eu deveria ter vindo acompanhada, mas nenhum dos meus amigos se ofereceu para vir comigo. Achavam que o mais indicado era eu ir com o braço armado da polícia. Eu, que nunca me senti segura perto de fardado nenhum, aceitei o risco e fiz como aprendi, voltei aqui sozinha. O espaço estava exatamente como eu me lembrava, bagunçado. Na sala pequena uma cadeira solitária, sacos plásticos e caixas de papelão, uma vassoura gasta escorada na janela entre aberta, uma pilha de revistas em quadrinhos em um canto, jornais antigos em outro e uma garrafa pet cortada pela metade repleta de guimbas de cigarro. A cozinha estava vazia, salvo algumas embalagens de comida congelada e cadáveres de insetos.

Resgato o cinzeiro improvisado da sala, abro as janelas do quarto e acendo um cigarro clandestino. Eu costumava fumar escondida dele, debruçada nesta mesma janela. Alheio ao meu esforço para soprar a fumaça para fora do cômodo o cheiro impregnava o quarto e me denunciava. Ele sempre soube que eu fumava, fingia não saber, mas sabia. Estou parando de fumar. Estou parando desde que comecei.

No quarto minúsculo um colchão de casal, mais revistas, caixas de sapatos, uma luminária e, apoiados em um pedaço carcomido de madeira que parecia fazer vez de prateleira, uma pilha de livros de dicas e roteiros de viagens: Nigéria, Gana, Somália... e outros destes lugares que não nos apresentam em aulas de geografia da escola. Não me lembro de nenhuma viagem dele à África, ou a canto algum, lembro que ele, quando jovem gostava mesmo era de deambular pela cidade, cumprimentando os mesmos vizinhos e comparsas de jogatina e bebedeira. De passear por entre os livros dos sebos e olhar o rio correr sem se importar com o clima. Me entristecia a ideia de que ele

algum dia planejara viagens que não pode fazer, me entristecia mais do que contemplar as coisas que ele de fato fez.

Talvez tudo seria diferente hoje se ele houvesse se mandado para África ou talvez se nunca tivesse voltado para esta cidade, de onde vinha ou para onde ia poderia ter mudado tudo. Poderia. Ele já não precisa desta casa. Eu continuo precisando dele. Das coisas que ele sabe e que eu ainda preciso aprender. Das histórias que eu ainda preciso escutar.

Sento-me no colchão e, mais pela curiosidade do que por cansaço, começo a vasculhar os pertences que me deixou de herança. Talvez encontrasse nestas caixas pistas dos lugares por onde andou, por onde gostaria de ter andado e da pessoa que ele fora.

Na primeira caixa que abro, encontro materiais de papelaria, cotocos de lápis, *post-its* amassados, envelopes e canetas com a ponta seca. Lixo. Na segunda caixa, um monte de papéis pequenos repletos de palavras em letras miúdas. Bilhetes? Anotações de viagem? Listas de compras? Passo o olho rapidamente, mas a qualidade do papel torna difícil decifrar as palavras, isso é um M ou R? Amor ou ardor? Lixo.

Junto com os pequenos papéis, bem amarrados com um barbante colorido, outro callamaço de folhas dobradas. Os papéis estão tão gastos quanto os outros, mas nestes quem escreveu cuidou melhor a caligrafia. Desdobro um a um e espalho em cima do colchão, duas caligrafias diferentes, no topo das páginas uma letra maiúscula assinala o destinatário e outra letra assina o remetente. São cartas. Leio algumas linhas, contam de um cotidiano banal, alguém se mudou de casa, alguém conheceu uma pessoa nova, outro alguém está escrevendo um livro. Memórias. Lixo.

Na mesma caixa ainda tinha uma dezena de notícias de jornais recortadas: Criança desaparecida no Rio de Janeiro; Vítimas de tiroteio dizem que vão processar o Estado; Iniciativa de

distribuição gratuita de livros que foram proibidos por alguém. As notícias não pareciam ter relação entre si. Algumas delas tinham palavras circuladas, fotos sublinhadas. Lixo. Cartas, livros, revistas, notícias, tudo lixo.

Respiro fundo. Relutante, recupero os pertences dele do lixo, nas cartas não constam nomes, procuro os envelopes, não acho. Começo a lê-las.

\* \* \*

C,

Acordei com choro de criança hoje. E o choro era tão agudo e tão doído que parecia que uma guerra tinha invadido o quarto. Nem cheguei a ver a vizinha grávida. Neste tempo acelerado até o período de gestação deve ter encurtado. Ou será que não saio daqui tem mais de nove meses? Não, não é possível, quando entrei nesse quarto era inverno e ainda faz frio. Quanto tempo tem o desgoverno deste prefeito? Quanto tempo mesmo que não te vejo? Tentei contar, mas faltam-me dedos. Esse bebê que deve ter nascido na pressa do nosso tempo.

Parece que se passaram anos, mas o calendário me informa que têm apenas uns trinta dias que cheguei por aqui. E ainda nenhuma notícia tua. Tudo que é muito aqui parece ser bem mais. Você, por exemplo, bem mais. O passado, aqui dentro, bem mais.

Lá embaixo as pessoas olham assustadas para as nuvens carregadas de cinzas das matas. Eu no alto desse prédio quase dentro da nuvem. E você cada vez mais perto do fogo.

Da última vez que me escreveu estava a me contar da vez que estivera junto aos índios em uma manifestação no planalto central. Isso foi antes ou depois de ter vindo de África, em um barco? Ou confundo as histórias e desta vez estava desembarcando da classe econômica em avião vindo da Europa? É difícil acompanhar as tuas andanças. Todas as notícias poderiam ser suas.

Mais uma criança começa a chorar agora, esta parece ser mais velha pois entre gritos a escuto balbuciar palavras. Lembra quando mãe dizia, não apenas para nós, mas para todas as crianças reclamadas da vizinhança, para que cessasse o chororô senão a vida nos daria motivo real para chorar?

Estanco aqui nestas palavras o desejo de levantar e ir na casa da vizinha inquirir os motivos de tanto choro.

Talvez essa criança chore, pois sabe que restará a seu corpo dar conta dos acontecimentos do presente, ainda que ontem nem habitasse este mundo; talvez chore pois sabe que não tem escolha. Resta viver. Eu choraria se soubesse. Eu choro porque sei. Mas as vezes me esqueço. É um alívio, o esquecimento. É um risco, o esquecimento. É um risco, o alívio. Talvez a criança chore pelo mesmo mal que te acomete, pelo mesmo motivo que você te afastou daqui. Talvez chorem pois o mundo não cessa de chegar ao fim e ainda há vida.

Já disse que sinto sua falta? Pois sinto. Julgo que ainda está a viajar; do contrário, por que ainda não voltou para casa? Te imagino por aí como herói de romance nacional afamado:

Permeável às possibilidades de seu corpo em suas andanças nos espaços da cidade, orientando-se vagamente por pedaços de lembranças ou sonhos, avesso às opções convencionais (casamento, filhos, emprego), entrega-se ao ir e vir interminável pelos espaços físicos e sociais mais diversos. Não sendo favelado, nem ricaço, nem da zona sul, nem da zona norte, convivendo com traficantes e vips, o herói veste as referências do espaço e das pessoas que cruza, de forma transitória. (Germano, 2009, p. 437).

Leio as tuas últimas palavras e me pergunto em voz alta O que será que tu queres me contar com tanta urgência. Que história é esta que precisa ser contadas por ti?

Às vezes, acho que tu está tentando retrair os enfrentamentos citadinos narrados naqueles sem números de livros que coleciona-



mos na estante. Sei que sempre teve o desejo secreto de se tornar escritor e que, se dedicou a vida a fazer pesquisa, foi apenas por acidente e porque no exercício acadêmico, por uma via ou outra, colecionar e contar são seu trabalho - com histórias de gente. E conseguiu. Tuas teses, aquilo que ensina a seus alunos, tuas científicas ficções, não devem nada às literaturas de ficção brasileiras - ambas repletas de histórias de um mundo globalizado que nos convoca os sentidos - além do mais já sabemos que “[e]screver a história e escrever histórias pertencem a um mesmo regime de verdade” (Rancière, 2009, p. 58).

O pedaço de você que me escapa, este mesmo que vaga pelas estradas a ficcionar as vidas, me deixa cá sem entender se vaga em busca de aventura ou está a fugir das agruras da vida. Direciono a mesma pergunta ao espelho, será que o pedaço de mim que me obceca o verbo e me despeja no quarto está a fugir da vida ou busca imprimir aqui mais cor? Intuo que um e outro - a depender do que consideramos vida.

Será esta inquietante imobilidade que me acomete e que me impediu de emigrar contigo marcada por um passado que já quase esqueço? Marcas de gênero, de geração, de uma carga ancestral qualquer?

Me sinto como Ernesto, personagem de história estrangeira contada na mesma língua que a nossa,

Procura[ndo] resgatar sua identidade fragmentada constituída por sucessivas perdas. No entanto, encontra-se apenas com a impossível ubiquidade: não pode permanecer a dois lugares simultaneamente e por consequência não pertencia a nenhum lugar (Pereira; Souza, 2016, p. 293).

Se nós - eu, você, Ernesto e tantos outros personagens de histórias - temos em comum o tempo veloz das metrópoles que nos destitui de chão firme o suficiente para que nos assen-

temos, por que será que minhas pernas não acompanham seus passos? Por que não me obedecem os pés e não fui capaz de ir contigo quando me estendeu a mão? Por que tu me escapas?

Quando encaro as ruas, elas me encaram de volta, e me vejo deixando de ser até não restar quase nada. Brado para as marcas na parede do meu quarto pela cidadania e pertencimento que não acho no asfalto, mas também não tenho encontrado aqui dentro, confesso. Você segue se refazendo continuamente nas histórias de estradas e eu cá tentando ainda forjar vocabulário no espaço de casa.

Eu de cá, frente a esse tanto de estímulo citadino, invés de me compor a cada passo dado, com as pedras do caminho me despedaço. Em pedaços fracasso no intento de escrever. Ainda é este o plano não é? Escrever?

R.

\* \* \*

Ele costumava me contar histórias para enfrentar a noite. Histórias mistas, de monstros adormecidos e heróis amnésicos que batalhavam em defesa das suas vidas. Contos de fadas sensatas que duelam bradando certezas, enquanto pediam ao garçom mais uma cerveja. Ele era o tipo de pessoa que nos ajuda a cruzar o mundo de dentro adentro e de fora afora. Pode uma pessoa se parecer com uma encruzilhada? Fazer do espaço entre nossos corpos caminho, trilha para o antigo e abrigo para o novo? Ele podia. Era a própria intersecção entre os lugares que habitávamos. Trazia no quente da sua pele e no macio das suas ideias, a vida. Às vezes as histórias eram bem parecidas com as que vivemos um dia antes, ainda que eu não fosse capaz de lembrar ou contar. Mas ele sim, ele podia. É engraçado como tudo pode mudar muito rápido. Uma hora ele estava aqui e na outra não. Em um dia ele me contava histórias e agora as leio de segunda mão.

Do que me adianta chafurdar neste passado? Já nem recordo mais o que vim procurar, que verdade era esta que eu deveria encontrar? Será que ele ainda olha por mim? Preciso de uma pausa.

Acendo mais um cigarro e me debruço na janela. As janelas desta casa não dão para lugar nenhum. Pelo vão, vejo apenas os buracos na parede descascada e repleta de infiltrações da casa vizinha. O vento luta para passar, mas passa. Traz com ele o som desta rua, atrito de roda de bicicleta e choros de crianças em queda. Passa o som do anúncio do carro que vende verdura e ovos. Passa pelo vão o alarido da briga antiga entre a vizinha nova e o marido que, de novo, grita.

Os sons rebatem nos móveis, nas cadeiras e mesas gastas pela poeira, os restos assentam no chão e a poeira vira outra camada da minha pele.

As janelas desta casa dão para todo o canto, basta atentar para o movimento, sons e restos. O tempo luta para passar, mas passa.

\* \* \*

C.,

Hoje foi minha vez de contar uma história para as crianças aqui de casa. Elas, ao me escutarem narrar nossas historinhas cotidianas, sentavam na cadeira, com as mãos agarrando a beira do assento, os olhos se estreitando, como se buscassem no ar uma chave de leitura, informava-me que havia uma genuína curiosidade nas perguntas que me dirigiam.

Havia curiosidade nos olhos delas, mas também certa confusão entre o que eu falava e o que elas entendiam que me lembrava o seu semblante quando virava a noite me traduzindo às poesias do Federico Garcia Lorca, quando fazia “conviver sem naufragar duas temporalidades antagônicas: a lentidão do pensamento, a súbita contração muscular” (Zaidenweg, 2020, p. 19).

Recontei para elas uma história sua. Conteí daquela vez que você fez um piquete em frente às agências bancárias da Cinelândia para garantir que todos aderissem à greve geral.

Enquanto eu contava, sentia que elas faziam um esforço para entender. Era como se eu estivesse falando em outra língua e elas estivessem palavra a palavra traduzindo para suas gramáticas próprias nossa história. Até parece que não era história delas também.

A curiosidade no olhar delas me pedia mais. Um pouco mais. Outra história. Outra história, mas qual? Será que elas esperavam escutar uma história de amor eterno e com final feliz? Aquele tipo que, não importa a língua e a gramática, entendemos todos sempre a mesma coisa? Queriam ouvir o que já tinham escutado antes, mas sob uma fachada nova? Queriam histórias onde a vilania e a amizade estão apartadas em estereótipos bem marcados?

Talvez elas também tivessem sido contaminadas pelo vírus contemporâneo de querer o mais do mesmo: os clichês televisivos, histórias de almanaque, histórias seriadas repetidas à exaustão pela Disney, pela Xuxa e pelos professores de filosofia. Afinal, “há uma constelação de dados, uma série de proposições que, lenta e sutilmente, graças às obras literárias, aos jornais, à educação, aos livros escolares, aos cartazes, ao cinema, à rádio, penetram no indivíduo – constituindo a visão do mundo da coletividade à qual ele pertence” (Fanon, 2008, p. 135).

Parece que eu estava contando uma história em outra língua, mas era tão somente outro tempo. Um tempo seu. Conjuguei meus verbos no presente e apesar da história ser sua usei a primeira pessoa do singular, elas não entenderam. Sinto-me por uns segundos estrangeira, certo tipo de estrangeiridade que “justamente no movimento e no encontro, cria o procedimento de estranhar a si mesmo e ao mundo

em uma estética materialista e dinâmica” (Mizoguchi, 2016, p. 29). Eu estranho. Estranho o Eu que habita esta fronteira.

Note que ainda estou cá atormentada com as mesmas perguntas – quais palavras usar para cozer as distâncias entre nós? Por hora, fico aqui desfiando histórias fronteiriças que só se tornam inteligíveis quando criam outro universo de sentido, quando aceitamos o convite para ocupar este lugar fronteiriço, este “campo de batalha onde os inimigos são parentes entre si; e [...] Para sobreviver à fronteira, você deve viver sem fronteiras, ser uma encruzilhada” (Anzaldúa, 2012, p. 113-114).

M.

\* \* \*

Já não aguento mais nem um segundo nesta casa vazia. Encarar estas palavras. Estas paredes. Este vazio. Hoje apenas eu, onde cabem bem mais. Sinto o peito fisgar. Saio do quarto, vou para cozinha checo se o gás ainda funciona, talvez eu possa fazer uma janta. Ou encomendar uma janta. Pego o celular para fazer o pedido. As mensagens do grupo família já está na casa das centenas. Nossos amores em comum. Será que encontraram a verdade antes de mim? Parecem que sim. Talvez eu devesse convidá-los até aqui. Talvez se pudessem ler as cartas também. Talvez... Começo a digitar a mensagem. Começo a estender a mão, a fazer o convite. Antes de enviar leio a última mensagem no grupo. Ela pedia direção sobre o ponto de encontro. O local onde se encontrariam antes de tudo ir por água a baixo. Fisga o peito, embrulha o estômago, range os dentes. Por que não me chamaram?

O meu bando já deixou a terra. Seguiu sem mim. Foram para o interior. Foram para mais adiante. Se voltaram para si e miravam o futuro. E eu aqui encarando as ruínas enquanto elas me encaram de volta.

## Terceiro

Talvez me arrependa do gesto de agora, mas não posso arrastá-la para uma vida de comparações. Você merece coisa melhor do que alguém acampado numa encruzilhada e que tenta enxergar o caminho, qualquer caminho. Preciso descobrir se não fui totalmente destruída, e que voz é essa que fala em meu nome. Tenho a pele insensível demais no momento. Nela tudo resvala e escorre, nada penetra. Fui colhida no voo e isso confunde mesmo minha tendência à alegria, sempre mais fácil do que o resto. Se o feitiço se romper um dia é porque estarei pronta – não antes, não antes. Não sei se algo sobrou do fio d’água que descia a montanha dentro de mim. Nem sei se com esse pouco se faz uma vida. É duvidoso que possa ler novamente um sentido nos signos dispersos. Não creio que haja mais sentidos (Campello, 2010, p. 129).

C.,

Escrevo para dizer que sinto falta.

De ti, claro, tu bem sabes. As trocas de *emo-ticons* e áudios, nossos processos contemporâneos de subjetivação, já devem deixar isso evidente. Mas é mais do que isso. Quando tudo parecia mudar demais, a gente dava um jeito de deixar estático. Era um artifício tecnológico. Fechamos as janelas, e não sabíamos se era dia ou noite. Então, podíamos tomar cervejas de manhã e café à meia noite. Não é que não pudesse antes, perceba – mas, desse jeito, não parecia imoral. A minha tia dizia que não tem graça contar uma história sozinho, e era juntos que enfrentávamos a dureza dos dias-noites borrados. Lembra dela?

Se dou um relato de mim mesma em resposta a tal questionamento, estou implicada numa relação com o outro diante de quem falo e para quem falo. Desse modo, passo a existir como sujeito reflexivo no contexto da geração de um relato narrativo de mim mesma quando alguém fala comigo e quando estou disposta a interperlar quem me interpela (Butler, 2015a, p. 26).

Eu não sei se o mundo resolveu imitar a gente. Agora, nuvens de obsidiana cobrem

os céus e não se sabe mais se é dia ou noite. Numa tarde faz 16º, na outra 35º. Em que estação estamos? Mas tudo corre bem, o problema é que a Inglaterra derrubou suas florestas nos séculos XVI e XVII. Problema de quem lá vive. Dedos apontados, culpa definida, não há mais o que fazer. A História acabou. O mundo desabou porque não estamos mais juntos para contar.

A gente disse até logo. Não era uma mentira, mas um compromisso. Só que o logo não chegou. Não sei se chega. Daí, quando a gente encontrar, vai parecer que só se passaram dias. Umas férias. Mesmo anos depois. O tempo dilata, porque não é linear, nem circular. Ele é tecido numa batida sincopada com os acontecimentos. Há quem diga que é ficção. Será que estaremos vivos até lá? Você vai conseguir ler essas palavras? O problema não é o tempo do relógio, mas está nos tiros do helicóptero, nos barcos ilegais afundando no mar. E, assim, inesperadamente, você virou semente, e eu finjo que tudo está bem, que o Rei não está nu e a Rainha não foi enganada.

Ou seriam dois reis, vestidos, compartilhando um beijo? Li uma história em quadrinhos muito boa, que inclusive está esgotada em muitos lugares, que acho que irá gostar. Vingadores: A cruzada da inocência (No original, *Avengers: The Children's Crusade*)<sup>13</sup>. Um grupo de heróis desajustados em uma jornada contra o Mal para limpar o nome da Mãe de dois membros e resgatar o Pai de outra membra. O que os diferenciava dos adultos era algo que poderíamos chamar Esperança. Mas gosto de pensar como desacato, como pedância, como arrogância.

Mas as sequências são ainda melhores. De-

13 Redação Galileu. "Vingadores, a Cruzada das Crianças": conheça a HQ que Crivella tentou proibir na Bienal. Rio de Janeiro, 06 set. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Cultura/noticia/2019/09/vingadores-cruzada-das-criancas-conheca-hq-que-crivella-tentou-proibir-na-bienal.html>. Acesso em: 15 nov. 2023.

pois do beijo, o casal cresce, individualmente e em relacionamento. Um vira imperador em outra galáxia, e o outro atende à profecia de ser o criador ou destruidor de um novo universo. Isso acontece uma dezena de edições depois<sup>14</sup>. Perguntam-se como continuar juntos em meio a tudo isso. Mas é a pergunta da vida, pois não?

Desculpe quebrar a surpresa, mas é uma tentativa de não ficar só na opinião de críticos não-qualificados, e desafiar a ler mais, e mais profundamente. Essa história ainda não acabou. Vem muito mais beijos por aí. Foi um velho que me contou com seus canais de *youtube* sobre fanzines.

Chove bastante aqui. Mas uma colega, latino-americana, disse que todos os dias faz sol e tem céu azul. É só saber onde procurar. Às vezes, dura apenas um instante. E aí eu li um texto e lembrei de você. Em parte pelo texto. Em parte, porque, na aula, tinha aquele cara insuportável a dizer que não concordava com nada ali. Perguntava para as mulheres de véu na sala a opinião, para refutar. Eu tive que ir embora no meio, por um motivo que não importa, como habitual. Tanto faz, elas não precisavam de mim para defendê-las. Sabe, a gente se perguntava o que nos fazia diferente dos outros. E, às vezes, a resposta era o medo. O medo de ficar daquele jeito. De ter certeza das ideias, maduras, à beira do apodrecimento. E de escolher o bar pelo banheiro.

O texto dizia mais ou menos assim:

Eu já expliquei como o estereótipo colonial é um dos modelos para o desenvolvimento do discurso colonial, e que esse tipo de classificação auxilia o imperialista a criar construções monolíticas do Oriente que devem ser regidos e dominados. [...] Claro que é uma crítica da dominação colonial e um interessante desdobramento psicológico das possibilidades de desafiar isso. Mas é também mais do que isso. Uma vez que o leitor remova essa máscara, ele descobre a face

14 "Young Avengers by Kieron Gillen & Jamie McKelvie Omnibus". Marvel Comics, 2014.

de um intelectual do Terceiro Mundo aguardando atrás disso. Ele também mimetiza; ele também usa a língua inglesa; ele também escolheu a posição de Primeiro Mundo. Então, não seria a mimetização a sua (de Homi Bhabha) estratégia de protesto, de consolidar sua posição, de tentar renegociar possibilidades de diálogo ou debate? Essa é a razão porque ler Bhabha é tão interessante - um incessante desafio intelectual em desmascarar e decifrar (Chakrabarti, 2012, p. 10-13, tradução nossa)<sup>15</sup>.

Juram-me como uma delas enquanto dilapidado suas posses e seus valores, tentando não me tornar só mais uma. Só de precisar enunciar isso, acho que já fracassei. Mas não desisto. Porque ainda falta. Atrás da máscara, tinha o teu sorriso. Eu volto, só preciso completar a volta ao mundo no sentido contrário, para ver se o tempo volta, como fazem os super-heróis de capa e cueca por cima da calça. E, assim, teremos todo nosso tempo juntos de volta.

Até logo.

P.

\* \* \*

Cato as cartas, fragmentos de textos, livros – estas verdades em cacos – ponho na mochila e sacolas.

Cada geração confronta a tarefa de escolher o seu passado. Heranças são escolhidas assim como são passadas adiante. O passado depende ‘menos do que aconteceu em outra época’ do

que dos desejos e descontentamentos do presente. Ambições e fracassos também dão forma às histórias que contamos. Aquilo que recordamos tem muito a ver com as coisas terríveis que esperamos evitar ou com a vida boa pela qual ansiamos. Mas e quando chega o momento de parar de olhar para o passado e, em vez disso, conceber uma nova ordem? (Hartman, 2021, p. 125-126).

Já é tempo de encontrar seu destino. Fantasia que farão uma viagem, agendada há mais de cinco séculos, que marcaria nossa emancipação da vilania do presente; iríamos de mãos dadas em direção ao desconhecido, nosso velho desafeto. Depois de muito tempo iriam para a rua. Retomar o mundo. E eu as seguiria. Iríamos sem medo, pois iríamos juntos. Abri a porta e olhei por cima do ombro, refiz mentalmente a lista de coisas a levar. A bagagem pesava menos do que eu imaginava. Mas estava tudo ali. O telefone toca. Tiro a mochila dos ombros. Pego o telefone, na tela o número dele, deixo tocar mais de cinco vezes. ‘Sinto muito. Não pude te esperar’. Na tela aparece ‘digitando’. E para, e ‘digitando’ novamente. E novamente para. Minutos se passam até que ele achasse as palavras.

## Quarto

Agora, não há mais volta. O idoso no seu quarto se apruma na cama da maneira que pode, o corpo que há muito já não obedece a suas ordens, pende um pouco para o lado direito. A barba por fazer. Afofa os travesseiros e encara o espelho com seus olhos leitosos. Não há mais ninguém no quarto, apenas ele e aquele refletido na superfície lisa. As visitas nunca chegaram. Talvez as missivas tenham se perdido no caminho, mas urgia partilhar com alguém a fraude que cometera. Entrelaça os dedos.

Não há mais tempo, confessa para o espelho em voz baixa, para que ninguém mais ouça, além do reflexo: há 40 anos, tem se ocupado de

15 “I have already pointed out how the colonial stereotype is one of the models for the development of colonial discourse, the kind of cataloguing that helps the imperialist to create a monolithic construction of the Orient that should be dominated and ruled. [...] Of course it is a critique of colonial domination and an interesting psychological unravelling of possibilities of challenging it. But it is also more than just this. Once the reader removes this mask, he discovers the face of the Third-World intellectual lurking behind it. He also mimics; he also uses the English language; he has also chosen the First-World location. So is mimicry not his (Bhabha’s) strategy of protest, of consolidating his position, of trying to negotiate possibilities of a dialogue or debate? This is the reason why reading Bhabha is so interesting – a continuous intellectual challenge to unmask and decipher” (Chakrabarti, 2012, p. 10-13).

contar histórias mundo afora, mas agora toda sua obra estava sob o escrutínio das autoridades. Não as suas teses pelas quais era reconhecido, mas as que havia escrito clandestinamente por trás de codinome e siglas.

Era ele o (co)autor das histórias em quadrinhos, era ele também o ser impróprio que tentavam censurar. Agora, esses quadrinhos estão na mídia, todos comentam sobre, e todos os leem.

Não há escapatória, pois, se os leitores forem, de fato, tão atentos tanto quanto são assumidos, perceberão que no meio das histórias impróprias das HQs – aquelas quase censuradas pelo prefeito-pastor – figuram as ideias germes de quase todas as suas teses. Suas histórias são autoplágio, da sua vida pessoal, política, acadêmica, artística. Descobriram, portanto, que ele seria uma fraude. Ele é um perigo e está em perigo, o que precisa cessar. Uma história forçada a se desvelar:

[...] ritual de confissão em que aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala; apagamento da coisa dita por seu próprio enunciado, mas aumento igualmente da própria confissão que deve permanecer secreta, e não deixar atrás de si nenhum outro rastro senão o arrependimento e as obras de penitência (Foucault, 2003, p. 209).

Ele não pode mais fugir. Ele consegue ver.

## Quinto

O idoso reconstrói a história – sua, da família, do processo editorial – a partir da obrigatoriedade de contar o passado às autoridades. No desaparecimento da visão e do jornal, há algo mais que se anuncia. A memória, nesse caso, é evocada por uma exigência de confissão, e deve submeter-se a seus termos. O fraudador surge menos como fato do jornal desaparecido, e mais como nomeação ao falar com os parentes.

[...] a confissão incita uma ‘manifestação’ do eu que não tem de corresponder a alguma suposta verdade interna e cuja aparência constitutiva não deve ser interpretada como mera ilusão. [...] Foucault entende a confissão como um ato de fala em que o sujeito ‘torna-se público’, entrega-se em palavras, envolve-se num ato entendido de autoverbalização – exomologesis – como forma de fazer o si-mesmo aparecer para o outro. Nesse contexto, a confissão pressupõe que o si-mesmo tem de aparecer para se constituir e que só pode se constituir dentro de uma dada cena de interpelação, dentro de uma relação constituída socialmente. A confissão torna-se a cena verbal e corporal da demonstração de si mesmo. Ela se fala, *mas na fala torna-se o que é* (Butler, 2015a, p. 145, grifos nossos).

Quais amarras aguardam o idoso: da psiquiatria, do poder policial? Ou a narrativa pode ganhar novas letras e caras? Será que é fraude ficcionar a própria vida? Existiria fraude autobiográfica? Ou só haveria materialidade após a leitura do jornal pelos olhos cegos? Que força faz confessar um crime inventado? Quem sobrevive para contar a história? Poderia um idoso cego ensinar alguém a ver?

Em frente a uma igreja que não pode mais ver, o idoso confessa ao reflexo e anuncia a resignação em repetir tais palavras à autoridade policial-judiciária. Dos restos de um passado distante, emerge a narrativa. O nome de família, um memorial a tempos idos e à descendência não está seguro, por interferência de novos processos. Torna-se ruína, tal qual uma estátua que foi derrubada em um processo revolucionário. E cria. A depender da perspectiva, pode ser um processo bonito. O acesso à memória é transformado, pois a história não para de se modificar.

Será que o logradouro público será suprimido após a revelação (ou melhor, a montagem) da fraude? O jornal encontrado, lido e perdido diz respeito a contar a uma história e, mais ainda, a se relacionar com o que foi publicamente enunciado:

[...] apenas a perspectiva parcial promete visão objetiva. Esta é uma visão objetiva que abre, e não fecha, a questão da responsabilidade pela geração de todas as práticas visuais [...] Desse modo, podemos nos tornar responsáveis pelo que aprendemos a ver (Haraway, 1995, p. 21, grifos nossos).

A ação do pastor-prefeito modifica as histórias: em quadrinhos, pessoais, coletivas. Elas estão em disputa.

## Considerações

Por que contar uma história? Walter Benjamin (2012) sugere que o exercício de narração oral, bastante antigo na história da humanidade, produz experiências que permitem, àquele que escuta, transportar-se para aquele outro espaço inventado, e também trazer aquilo que se passa para a materialidade. Assim, contar histórias é mais do que transmissão, mas uma construção. É justamente porque algo falta que permite às pessoas espectadoras participar, intervir, interessar-se e, assim, carregar essas histórias, para compartilhar em outro espaço e tempo.

Apostamos na composição de narrativas (auto)ficcionais por entendermos que este gesto criativo abre passagem para conexões antes impensadas entre os vetores que compõe o campo político institucional do presente. Em desafio à frieza da norma burocrática, experimentamos narrar através de ensaios e cartas. Esta última, forma de escrita habitualmente tomada como íntima, no que recuperamos seu caráter público e coletivo. “Ensaiar. Entender o texto como experiência que rasga e modifica” (Martins, 2015, p. 115). E assim podemos ver, ouvir e ler.

Escrever, por ora, foi um ato fragmentado. Mas não por acaso: isso se dá em função das violentas forças totalitárias do contemporâneo, exigindo silêncio. Inadvertidamente, evidenciam que o indivíduo não é uma existência

natural, mas uma produção técnica e política disciplinar (Foucault, 1987). Assim, os sujeitos alquebrados se partem e, para além de gritar contra, contornam com narrativas que parecem menores, mas contêm uma possibilidade de transmissão. Cartas rasgadas, histórias mutiladas, mas que podem persistir. Justamente porque não se tem certeza. E porque não acabou: nem o tempo, nem a narrativa, nem o texto.

A cada vez que a história é contada, corre o risco de mudar a si própria e o momento de seu surgimento. Na construção das informações que entram ou não no discurso, no uso de palavras, a memória, as sensações – em suma, o passado – passa a emergir no momento presente. Mais ainda, trata-se de narrar em meio à destruição – de si e do presente. Essa é, a um só tempo, nossa responsabilidade e também nossa ruína. Para tanto, é preciso aventurar-se entre esses restos, sem acreditar totalmente no que aparece.

Este texto partiu de uma promessa: uma história que precisa ser contada. Ela insiste e pede passagem, para que dure mais do que um instante ou do que uma vida. Contamos para imaginar o mundo como poderia ser, como está sendo, como queremos que seja.

## P.S.

Quando finalmente nos encontramos a calma é tudo que almejamos. Repouso a cabeça na curva certa do ombro, vejo meio sorriso. Sobre a cabeça, azul. Firmamento feito de lençol. Ela cheira a café da manhã e cerveja. Um movimento de mão e o céu colapsa nas nossas cabeças, deixando passar o vento do dia cinza demais para ser vivido fora da cama. Os barulhos da rua ardem na pele de quem adia os afazeres.

Tudo lá fora em correria. Gente querendo fazer coisas, toda gente fazendo coisa, coisa fazendo mundo, mundo fazendo gente.

Será que daqui a setenta anos a gente vai se lembrar de estar aqui? Será que ainda nos restará memória?

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo da história única**. Disponível em: [http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). Acesso em: 15 nov. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: The new Mestiza**. São Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, ano 8, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 13 nov. 2023.

BAPTISTA, Luís Antônio. **A Fábrica de Interiores** - a formação psi em questão. Niterói: Eduff, 2000.

BAPTISTA, Luis Antônio. **Cidade dos Sábios**. São Paulo: Summus, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8a edição revista [Obras Escolhidas v.1]. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015a.

CAMPELLO, Myriam. **Como esquecer: Anotações quase inglesas**. São Paulo: Editora 7 Letras, 2010.

CHAKRABARTI, Sumit. Moving beyond Edward Said: Homi Bhabha and the problem of postcolonial representation. **International studies: Interdisciplinary political and cultural journal**, v. 14, n. 1, 2012, p. 5-21. Disponível em: <https://doi.org/10.2478/v10223-012-0051-3>. Acesso em: 13 nov. 2023.

CONTI, Josselem. **Contar histórias, povoar o mundo: versões de um encontro com a loucura e a cegueira**. Dissertação de Mestrado. (Programa de Pós-gradua-

ção em Psicologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2015.

CORNEJO, Giancarlo. La guerra declarada contra el niño afeminado: Una autoetnografía “queer”. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 39, p. 79-95, jan 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/509/50918284006.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, volume 1**. São Paulo: editora 34, 1995.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Bahia: Editora UFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias de si. **Verve**, n. 6, p. 321-360, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5017>. Acesso em: 10 nov. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes. 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.

GERMANO, Idilva Maria Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. **Estudos e pesquisas em psicologia**, ano 9, n. 2, 2009, p. 425-446. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n2/v9n2a11.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

HARAWAY, Donna. O Manifesto Ciborgue. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Antropologia ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2aed. Belo Horizonte, Autêntica, 2009. p. 33-118.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5. Campinas: Ed. Unicamp, p. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 12 nov. 2023.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.



LOURAU, René. **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

MARTINS, Beatriz Adura. **Por uma escrita dos restos (sobre assassinatos de travestis?)**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. Epistemologia da estrangeiridade: abertura de e do mundo. In: FERREIRA, M. S.; MORAIS, M. (Orgs). **Políticas de pesquisa em psicologia social**. Rio de Janeiro: Nova Aliança Editora e Papéis, 2016. p. 27-47.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley; SOUZA, Francisca Zuleide Duarte de. Diáspora, exílio e memória nas literaturas africanas em língua portuguesa. **Miscelânea**, v. 19, p. 283-302, jan-jun 2016. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/67>. Acesso em: 12 nov. 2023.

RANCIÈRE, J. Se é preciso concluir que a história é

ficção. Dos modos de ficção. In: RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. 2. ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009. p. 52-62

RANNIERY, Thiago. Vem cá, e se fosse ficção? **Práxis Educativa**, v. 13, n. 3, set./dez. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5212/PraxEduc.v13i3.0020>

SAER, Juan José. O conceito de ficção. **Revista FronteiraZ**, n. 8, p. 1-6, 2012. Disponível em: <https://www.pucsp.br/revistafrenteiraz/download/pdf/TraducaoSaer-versaofinal.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023.

ZAIDENWERG, E. A tarefa do tradutor (de poesia). In: SUPLEMENTO PERNAMBUCO. **Ensaio investiga os territórios criados pela poesia lésbica negra**. Recife: Editora Cepe, maio de 2020.

Recebido em: 15/11/2023

Revisado em: 20/10/2024

Aprovado em: 23/10/2024

Publicado em: 30/11/2024

**Tainá dos Santos Oliveira** é Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente é professora do curso de Psicologia da Universidade Salgado de Oliveira em Campos dos Goytacazes/RJ. E-mail: [tainacrj@gmail.com](mailto:tainacrj@gmail.com)

**Luan Carpes Barros Cassal** é Doutor em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense e Doutor em Educação pela University of Manchester. Atualmente, é pesquisador visitante do Manchester Institute of Education, University of Manchester, e professor adjunto do departamento de psicologia da University College Birmingham. E-mail: [cassal@manchester.ac.uk](mailto:cassal@manchester.ac.uk)

**Widlane de Oliveira Lourenço** é graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense, no Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional. Atualmente é integrante do Laboratório “Pluriversos - Grupo de estudos, pesquisas e intervenções em Psicologia Social Crítica, Estudos sobre Colonialidade e Relações de Cuidado em Políticas de Saúde” da UFF/Campos. E-mail: [widlaneoliveira@id.uff.br](mailto:widlaneoliveira@id.uff.br)